

■ DORA KRAMER

## Mora na filosofia

FHC

Ou bem o presidente Fernando Henrique Cardoso não compreendeu exatamente a natureza das críticas que vêm sendo feitas à sua conduta à frente do governo ou a reflexão filosófica que fez durante a aula inaugural do curso de pós-graduação em Ciência da Reabilitação do Hospital Sarah Kubitschek não teve mesmo o objetivo da justificativa, da explicação, do esclarecimento.

Porque se pretendeu algo além da exposição de um discurso adequado à platéia de acadêmicos — embora de área não afim —, o presidente pode ter absoluta certeza de que não conseguiu rigorosamente nada. O presidente raciocinou, como sempre, com erudição.

Imbatível formulador e organizador de idéias, Fernando Henrique desta vez alinhavou uma após a outra numa aparente argumentação sensata que, à luz da realidade presente, além de não explicar coisa alguma só aumenta o vácuo entre suas ações e pensamentos. Uma coisa é a maneira como vem sendo percebido o seu governo e outra é a forma como Fernando Henrique gostaria que as pessoas o percebessem.

Uma coisa é o que lhe vai à cabeça, a outra são os atos que perpetua em público. Esses é que formam a convicção geral sobre o que faz um governante. Que também é composta pela análise — capacidade que não pode ser subtraída ao cidadão comum pelo fato de ser ele um comum — da diferença entre o que diz o dono da delegação popular e sua prática no cotidiano.

O presidente argumenta que em política não se pode sair por aí proclamando verdades, sob pena da derrota certa, que ao governante nem sempre é permitido revelar seus objetivos na totalidade e que quando se faz a ele a crítica do dia-a-dia não se leva em conta que existe uma estratégia a longo prazo posta em prática sob os parâmetros da “ética da responsabilidade”.

Ou seja, o presidente sabe porque faz o que faz, tem plena certeza do alvo que pretende atingir, está certo de onde quer chegar e, que tenham paciência, o final será feliz para todos. Mas, infelizmente, senhoras e senhores, não é possível lhes contar toda a história porque isso prejudicaria a superação dos obstáculos.

Aí temos duas hipóteses: a menos generosa faz desconfiar que inexistam mesmo justificativas convincentes e por isso doura-se a pílula confundindo propositadamente pedra fundamental com pedra filosofal. A outra pressupõe um pedido de concessão de um cheque em branco para que em Brasília se façam todos os arranjos necessários ao bem-estar da nação, tenham eles a cor e o cheiro que tiverem.

O que só pode ser entendido como uma proposta para que o país não questione nada, pois isso revela “desconhecimento dos processo histórico”. Que se limite, portanto, a se confundir e ao mesmo tempo se encantar diante das argumentações eruditas e responsáveis.

Um trato até razoável. Desde que os segredos que escondem tão espetacular estratégia, ao serem revelados (se é que algum dia o serão), tragam à luz um resultado tão esplendoroso quanto eficaz para apagar a nítida impressão (certamente falsa) de que andamos para trás.